

REINALDO DI LUCIA

***Sócrates e Platão: precursores do
espiritismo?***

Trabalho apresentado no
VII Simpósio Brasileiro do Pensamento Espírita

São Paulo
2001

Índice

INTRODUÇÃO	3
SÓCRATES E PLATÃO NO EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO	4
SÓCRATES: O FILÓSOFO DO CONCEITO	5
PLATÃO: O MUNDO DAS IDÉIAS	7
PRECURSORES DAS IDÉIAS ESPÍRITAS?	8
CONCLUSÃO: PLATÔNICO OU ARISTOTÉLICO?	14
BIBLIOGRAFIA.....	15

Introdução

Teriam sido Sócrates e Platão precursores das idéias cristãs? Ou então precursores das idéias espíritas? As teses da filosofia espírita, vindas ao mundo a partir das discussões de Kardec com os espíritos na segunda metade do século XIX já teriam sido abordadas na antigüidade grega?

Isto é o que afirma o próprio Kardec na introdução do livro *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Nela, após discorrer sobre os objetivos a serem atingidos com este livro, lançar as bases do principal critério de verificação da ciência espírita e, sucintamente, explicar alguns termos constantes na Bíblia, Kardec diz:

“Tal o que se deu com a idéia cristã, que foi pressentida muitos séculos antes de Jesus e dos essênios, tendo por principais precursores Sócrates e Platão. (...) Além disso, estas citações provarão que, se Sócrates e Platão pressentiram a idéia cristã, em seus escritos também se nos deparam os princípios fundamentais do Espiritismo.”¹

O principal motivo desta comparação, segundo o próprio texto, é explicar que, mesmo tendo Jesus conhecido a seita dos essênios, sua doutrina não foi aprendida destes, mas é uma seqüência das idéias de outros que o precederam (como acontece com todas as grandes idéias). Mas, mais que isso, tal raciocínio pode ser empregado como argumento de autoridade: se filósofos do calibre de Sócrates e Platão formavam a base da filosofia espírita, como contestar esta sem desacreditar também aqueles?

A argumentação mostrada por Kardec no texto em referência é firme. Apresenta (apesar de não citar fonte) um conjunto de idéias atribuídas a Sócrates e Platão, relacionando-as com conceitos básicos da filosofia espírita, como a independência entre os princípios espiritual e material, a preexistência da alma e a reencarnação, entre outros, que serão melhor detalhados no decorrer do texto, a seguir.

Apesar disso, é lícito perguntar-nos se, efetivamente, tal relação é verdadeira. Isto porque, como afirma o próprio Kardec, nenhuma idéia irrompe de súbito. De fato, como todas as principais filosofias do mundo ocidental, também as filosofias socrática e platônica estavam perfeitamente alinhadas com o pensamento de sua época. E, em que pese a originalidade desses dois pensadores, que fez com que suas idéias permaneçam sendo discutidas até hoje, os temas centrais de suas filosofias estavam intimamente ligados aos problemas e preocupações de sua época.

Vários exemplos podem ser citados desta relação: o mundo das idéias, a parte mais conhecida da filosofia de Platão, tem sua raiz em questões que fervilhavam à época: como é possível conciliar a unidade do Ser com a diversidade das coisas do mundo? O que ocorre com a alma após a morte? Como juntar Parmênides, Heráclito e Pitágoras num único sistema filosófico consistente?

Portanto, qualquer tentativa de relacionar as idéias de Sócrates e Platão às espíritas não pode deixar de levar em consideração este contexto no qual aquelas surgiram. Além disso, é necessário entender bem os conceitos filosóficos originais de Sócrates e Platão, para não incorrer em erro de interpretação de suas teorias.

O principal objetivo deste texto é avaliar sucintamente as questões acima, de modo a analisar a validade da proposição original de Kardec a respeito da precedência das idéias gregas com relação às espíritas. Nesta avaliação, conclui-se que, apesar de muitas dessas idéias serem semelhantes, elas não provêm de uma única base comum, mas de origens distintas. Em conclusão, propõe-se uma alternativa aristotélica para as idéias espíritas, mostrando assim que estas são ainda mais universais que a própria filosofia grega.

¹ KARDEC, A. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 43-44.

Sócrates e Platão no Evangelho Segundo o Espiritismo

A principal referência a Sócrates e Platão na doutrina espírita aparece na Introdução de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*.

Alguns questionam sobre qual o objetivo de Kardec ao escrever este livro. Se, como ele mesmo afirma em vários outros textos (como em *O que é o Espiritismo* e na *Revista Espírita*), ele não pretendia fazer do espiritismo uma religião, porque um livro tentando mostrar a relação entre as idéias espíritas e o principal livro religioso do cristianismo, a Bíblia (ou, mais corretamente, o novo testamento, chamado de Evangelhos, a Boa Nova)?

Kardec explica logo de início este objetivo: diz ele que, apesar de a parte do ensino moral contida nos Evangelhos constituir uma regra universal de bem proceder, abrangendo

“(...) todas as circunstâncias da vida privada e da vida pública, o princípio básico de todas as relações sociais que se fundam na mais rigorosa justiça”²,

muitos dos pontos apresentados são ininteligíveis, disparatados, necessitando de uma explicação, uma chave para seu bom entendimento. Esta chave, segundo ele, está no espiritismo, e ele a apresenta neste livro, com o auxílio de comunicações dos “bons espíritos que nos assistem”.

Para isto, é necessário que Kardec, depois de já ter definido os principais princípios do método a ser empregado na ciência espírita (o que foi feito em seu livro anterior, *O Livro dos Médiuns*), valide as comunicações obtidas por via mediúnica e, por consequência, as idéias assim expressas. É assim que, no segundo item deste texto, ele estrutura o principal critério de validação das teses espíritas, o chamado **Controle Universal do Ensino dos Espíritos** (CUEE). Por este critério,

“Uma só garantia séria existe para o ensino dos Espíritos: a concordância que haja entre as revelações que eles façam espontaneamente, servindo-se de grande número de médiuns estranhos uns aos outros e em vários lugares.”^{3, 4}

Assegurada a autoridade das idéias que serão expostas no decorrer do livro, Kardec, sabedor da necessidade de um conhecimento claro do contexto envolvido quando da explicação de qualquer texto histórico, aborda alguns termos que, não sendo mais utilizados hodiernamente, poderiam, se mal interpretados, lançar-nos em direção errônea, principalmente aqueles que se referem às diversas seitas e castas existentes na Judéia da época de Jesus.

Entre elas, destaca-se a dos essênios, associação moral e religiosa de virtudes austeras, cujo gênero de vida e princípios morais assemelhavam-se aos dos primeiros cristãos. Isto fez com que muitos julgassem que Jesus tenha pertencido a esta seita, idéia que Kardec repete.

É para dar suporte ao argumento que, apesar de algumas das idéias dos essênios serem semelhantes às de Jesus, e apesar de ele ter certamente conhecido esta seita, sua doutrina não foi obtida direta e tão somente daqueles que Kardec falará de Sócrates e Platão como precursores das idéias cristãs. O raciocínio é que tais idéias, sendo universais, teriam sido pressentidas muito antes por pensadores que as espalharam, ainda que esparsamente. Segundo Kardec, de tempos em tempos, Deus manda um enviado com a missão de reunir estes conhecimentos esparsos em um corpo de doutrina consistente.

É assim que Kardec afirma que Sócrates e Platão possuíam as mesmas idéias cristãs, ainda que de uma forma menos estruturada. E, para prová-lo, resume os pontos que considera mais

² *Idem, ibidem*, p. 25.

³ *Idem, ibidem*, p. 31.

⁴ Não é objetivo deste trabalho discutir a validade epistemológica deste critério de validação, ainda que isto possa e deva ser feito.

relevantes da filosofia destes grandes pensadores, “(...) para mostrar a concordância deles com os princípios do Cristianismo”⁵. Eis os principais conceitos expostos:

1. O homem é uma alma encarnada, que existia anteriormente unida às idéias do verdadeiro, do bom e do belo. Recorda-se destas, o que cria o desejo de voltar a esta situação. (Para Kardec, este é o enunciado da distinção entre o princípio inteligente e o princípio material, da doutrina da preexistência da alma, da saída desta do mundo espiritual, para reencarnar e de sua volta a esse mesmo mundo após a morte e da doutrina dos Anjos decaídos).
2. A alma transvia-se quando serve-se do corpo para considerar qualquer objeto, ao passo que, quando contempla sua própria essência, dirige-se para o que é puro, eterno e imortal. (A explicação de Kardec é que, quando considera as coisas de um modo terra-a-terra, o homem ilude-se, e, para as apreciar com justeza, tem de vê-las do alto, isto é, de um ponto de vista espiritual).
3. O corpo é a corrupção da alma e, enquanto esta achar-se mergulhada nele, jamais possuirá a verdade. Libertos da loucura do corpo, conheceremos a essência das coisas. Eis porque os filósofos não temem a morte. (O princípio das faculdades da alma obscurecida pelos órgãos corporais).
4. As almas impuras, que são as almas dos maus, erram em torno dos monumentos e dos túmulos até que os apetites inerentes à forma material de que se revestiram as reconduzam a um novo corpo, no qual retomarão os mesmos costumes que tinham na primeira vida. (Eis aí o princípio da reencarnação e do estado das almas que se mantêm sob o jugo da matéria).
5. Após a morte, o daimon (gênio) que nos fora designado leva-nos ao Hades para sermos julgados. Tendo permanecido lá o tempo necessário, as almas são reconduzidas a esta vida em múltiplos e longos períodos. (Reencarnação e a doutrina dos Anjos guardiães).
6. Os daimons ocupam o espaço que separa o céu da terra, e servem de intermediários entre a divindade e os homens. (A doutrina dos Espíritos e de suas responsabilidades: “*Ponde, em lugar da palavra demônio, a palavra Espírito e tereis a doutrina espírita; ponde a palavra anjo e tereis a doutrina cristã*”⁶).
7. A virtude não pode ser ensinada; vem por dom de Deus aos que a possuem. (É a doutrina cristã sobre a graça. O Espiritismo é mais explícito, dizendo que aquele que possui a virtude a adquiriu por seus esforços).
8. Ajuizado serás, não supondo que sabes o que ignoras.⁷

Tais são os argumentos de Kardec. Para verificar sua correção, é necessário que se conheça as teorias filosóficas destes dois grandes pensadores, o que será feito a seguir.

Sócrates: o filósofo do conceito

Um dia, o mais famoso oráculo da Grécia, o de Apolo, em Delfos, declarou ser Sócrates o homem mais sábio de todo o mundo grego. Com humildade, mas já sabendo que isto não poderia ser verdadeiro, ele iniciou uma busca em toda Atenas, com aqueles que eram, então, considerados os mais sábios dos gregos. E descobriu algo curioso: que, na realidade, aqueles que se diziam sábios apenas conheciam a aparência das coisas, não a verdade. Eis porque o oráculo disse o que disse: Sócrates era o único que tinha consciência de sua própria ignorância.

⁵ *Idem, ibidem*, p. 44.

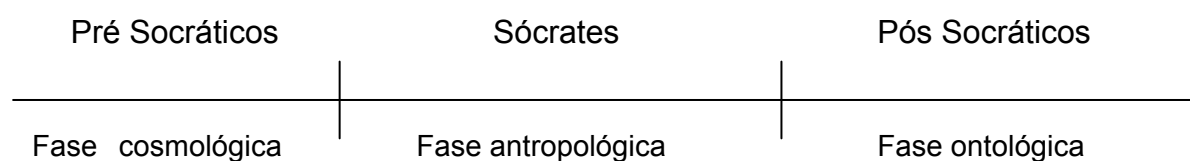
⁶ *Idem, ibidem*, p. 47.

⁷ No total, são expostos 21 aforismos supostamente ditos por Sócrates e Platão. Recomenda-se a leitura completa de todo o capítulo.

A partir de então, tomando como lema aquele de Delfos (*Conhece a ti mesmo*), Sócrates inicia uma nova fase na filosofia grega. Tão importante que virou um marco: os filósofos anteriores a ele, os fundadores da filosofia, ficaram conhecidos como pré-socráticos.

Esta nova fase da filosofia ocidental constitui, na verdade, um hiato. Os filósofos pré-socráticos tinham por objeto principal de estudo a natureza, a *phýsis* – por isso eram chamados de físicos. Queriam a base original de todas as coisas, a *arkhé*. E toda a sua busca resumia-se a isso⁸. Essa primeira fase da filosofia ficou conhecida como **cosmológica**, porque se preocupava com o estudo e a origem do mundo.

É com Aristóteles, discípulo de Platão, que a filosofia entrará na fase de busca efetiva do Ser cuja culminância dar-se-á a filosofia contemporânea. Esta é a fase **ontológica**. A filosofia de Sócrates é um hiato entre essas duas fases. Nela, a preocupação deixa de ser com o objeto cognoscível e passa a ser com o sujeito cognoscente. É a fase **antropológica** da filosofia.



Sócrates passou sua vida em busca da essência das coisas. Dizia que o verdadeiro conhecimento só pode vir da reflexão, e esta posição refletida constituía a ciência (*episteme*) em oposição a opinião irrefletida (*doxa*). Tendo descoberto que a maioria dos homens apenas aparenta saber, dedicou-se principalmente a mostrar a seus concidadãos o quanto esse conhecimento era aparente. Para tanto,

*“Desde jovem, caminhava pelas ruas de Atenas, espalhando dúvidas, instaurando a incerteza, perguntando e perguntando, implantando a força revolucionária do negativo (**apophatikón**), a irônica força que destruindo germinava sempre o novo.”⁹*

Diferenciava-se dos sofistas porque não pretendia ensinar, mas aprender junto. Eis porque perguntava, não respondia, e eis porque nada deixou escrito: dizia que a escrita é muda, e que sua mudez cristaliza as idéias como verdades acabadas e indiscutíveis.

Sócrates foi o primeiro filósofo a estruturar um método para o estudo da filosofia. Ele se baseava no fato que a verdade e a ciência são inatas em nós porque somos racionais, porque participamos da racionalidade da Natureza. Conhecer não é senão encontrar procedimentos para despertá-las, pois que o homem possui a autonomia, isto é, o poder para encontrar, por si mesmo, a verdade. É a teoria da reminiscência, desenvolvida mais tarde por Platão com seu mundo das idéias.

Seu método era, de certa forma, médico, já que primava pela recordação – a *anamnese*. Iniciava-se com um convite ao diálogo, pois que, sem este, não se poderia chegar à ciência, à verdade. Esta parte chama-se *protréptico*. Uma vez aceito o convite, inicia-se o diálogo, com a indagação, o *elenkhós*, que se divide em duas partes: na primeira, demonstra-se que o conhecimento que se supõe possuir não passa de *doxa*, é um *pré-conceito*, que precisa ser destruído, para dar possibilidade à construção do conhecimento verdadeiro; esta é a *ironia* (*eiróneia*). Na segunda, um novo conhecimento vai surgindo, a partir da reminiscência; é o parto de uma nova idéia, e por isso chama-se *maieutica* (*maieutiké*).

A filosofia de Sócrates (que, segundo Aristóteles, fundamenta-se sobre os pilares do raciocínio indutivo e da busca dos conceitos – reunião dos traços comuns presentes em todos os casos

⁸ Na verdade, há alguns filósofos que foram além da mera busca da *arkhé*, tais como Heráclito e Parmênides. Infelizmente, não há espaço para este estudo neste trabalho.

⁹ BENOIT, H. *Sócrates, o nascimento da razão negativa*, p. 5.

particulares e que constitui a essência daquilo que se busca) tem as seguintes idéias fundamentais:

1. A virtude é a mais alta forma de conhecimento, e não um simples modo de agir. Mas não é possível definir uma virtude sem definir a totalidade, a essência da virtude. Por outro lado, não se pode conhecer a virtude sem saber o que é a razão, e não se conhece esta sem saber o que é a alma (*psychê*) como inteligência racional. A essência da alma é a razão, e o principal mal, a ignorância.
2. A razão é o poder da alma para conhecer a essência das coisas. É a capacidade de distinguir essência e acidente, opinião e verdade.
3. A alma é distinta do corpo. É a consciência de si, das coisas, do bem e do mal, da justiça e da virtude. É a inteligência como reflexão e interrogação sobre a realidade, é a capacidade de descobrir por si a verdade e as regras da vida ética.
4. A finalidade da vida ética é a felicidade, e esta se encontra na autonomia, isto é na capacidade de dar a si mesmo suas próprias regras de conduta.

Para Sócrates, mais importante que dar respostas é o processo de busca da verdade – a verdade como caminho. Já Platão, partindo destes conceitos de Sócrates, desenvolve uma teoria que dá algumas respostas às suas indagações, como será visto a seguir.

Platão: o mundo das idéias

Principal discípulo de Sócrates, Aristocles de Atenas, alcunhado Platão, foi não só o continuador das idéias do mestre, mas para alguns, o principal filósofo do mundo até então:

*“(...) É que Platão foi o inventor propriamente dito deste gênero cultural chamado **filosofia** (...) Por quê? Porque sua obra, ao mesmo tempo em que definiu o que é filosofia, definiu a razão (...) Foi a filosofia de Platão que definiu, pela primeira vez no Ocidente, os **critérios da racionalidade**, que são os mesmos que organizam nossa vida e nossa morte.”¹⁰*

É com Platão que temos o nascimento da razão ocidental.

Três são os principais temas de estudo de Platão:

Primeiro, a política. Oriundo de família aristocrática, e, portanto, preparado desde a infância para ocupar um lugar preponderante na vida política ateniense (dois de seus tios fizeram parte do governo dos Trinta Tiranos). Entretanto, tendo conhecido Sócrates quando jovem, tornou-se um crítico de sistemas tirânicos, aristocráticos ou oligárquicos. Mas, tendo visto a democracia ateniense condenar Sócrates à morte, tornou-se também um duro opositor daquela forma de governo. Apesar disso, não abandonou jamais o estudo da política, que considerava a mais alta forma de participação social e da filosofia.¹¹

Em segundo lugar, sua teoria do conhecimento. A exemplo de Sócrates, também Platão possui um método, haurido de filósofos pré-socráticos (como Heráclito de Éfeso e Zenão de Eléia); a dialética. Finalmente, sua psicologia, ou teoria sobre a alma. Estes dois temas, por tocarem de perto o espiritismo, serão estudados um pouco mais detalhadamente.

Platão é um dos primeiros filósofos a propor uma síntese entre as filosofias de Heráclito e Parmênides. Segundo ele, não se pode aceitar completamente nenhuma delas. Heráclito, com sua

¹⁰ CHÂTELET, F. A filosofia pagã, in CHAUÍ, M. *Introdução à história da filosofia – dos pré-socráticos a Aristóteles* (vol. 1), p. 174.

¹¹ As idéias políticas de Platão, por não fazerem parte do escopo deste texto, não serão detalhadas. Sugere-se, àqueles que desejarem aprofundar este estudo, a leitura de *A República* e *As Leis*, além de textos de estudo.

idéia do fluxo incessante e do eterno devir, impossibilita a aquisição de um conhecimento duradouro e a busca das essências. Parmênides, negando o Não-Ser (e, portanto, o devir) também nega a possibilidade de busca – pois que esta implica numa mudança essencial.

A solução de Platão é mostrar que ambos estavam corretos, mas que falavam de coisas distintas: Heráclito referia-se a este nosso mundo, um mundo no qual as coisas estão, realmente, em contínua mutação – é o *mundo das aparências, o mundo sensível*. Já Parmênides tratava do mundo inteligível, do Ser, das formas imateriais, imutáveis e idênticas. Aquilo que ele chamará de mundo das essências, ou mundo das idéias. A forma de transitar entre estes dois mundos, de passar do sensível ao inteligível, é a dialética.

A proposta de Platão é a de uma ascensão dialética do mundo sensível ao mundo inteligível. Partindo das imagens das coisas sensíveis, obtidas de segunda mão – uma conjectura feita a partir das imagens ou dos reflexos das coisas (os simulacros, ou *eikasía*), chega-se ao segundo grau, a confiança que temos na sensação e na percepção (a *pístis* – crença – e a *doxa* – opinião). Estas duas fases, típicas do mundo sensível, são subjetivos e convencionais, variando em cada época, sociedade ou pessoa. Mas é um conhecimento necessário para nossa vida, para o cotidiano.

O terceiro grau é o raciocínio dedutivo, discursivo ou demonstrativo. É a dianóia, o conhecimento dos objetos matemáticos, hipotético-dedutivo. Finalmente, o último grau é a episteme, a ciência ou saber verdadeiro, ou noésis, a compreensão das essências. Aqui o pensamento, contemplando as formas ou idéias, oferece a razão dos próprios conhecimentos.

A teoria do conhecimento platônica, embasada na tese do mundo das idéias, é representada de forma alegórica no livro VII da República, através do famoso Mito da Caverna. Outro mito importante sob este prisma é o mito de Er (A República, livro X), no qual Platão define o modo de aprender: a reminiscência. Os homens só aprendem aquilo que lembram do mundo das idéias. Aprender é relembrar.

A psicologia, ou teoria da alma, em Platão confere a *psychê* três sentidos principais:

- ‖ Vida, ou princípio vital – o princípio que dá e conserva a vida. É possuído não só por plantas ou animais, mas até mesmo pelo Kosmos (a Alma do Mundo);
- ‖ Consciência, ou princípio da vida mental e espiritual. É o princípio cognoscente, que conhece e permite o conhecer.
- ‖ O indivíduo, cujo espírito sobrevive após a morte. É o que é semelhante ao divino no homem.

A teoria da alma deriva dos pitagóricos, dos mistérios órficos, nos quais há consenso que Platão era iniciado. Portanto, Platão admitia a imortalidade da alma, tal como descrita no Fédon. Admitia também a reencarnação, na forma de metempsicose, isto é, da possibilidade de voltar a encarnar em corpos não humanos. O principal objetivo era fazer com que a alma pudesse libertar-se dos vícios corporais.

Entretanto, a reencarnação tinha, na filosofia platônica, uma importante função na teoria das idéias: possibilitar que a ascensão dialética possa ocorrer. Na teoria das idéias (mostrada sob a forma do Mito do Cocheiro, no Fedro), pergunta-se porque há a união da alma (*psychê*) com o corpo (soma). A alma cai em um soma por não conseguir acompanhar o cortejo dos deuses. Desta forma, a queda da alma do homem do mundo das idéias para o mundo sensível apresenta-se como um castigo, o que justificará a reminiscência.

Precursores das idéias espíritas?

A partir dos princípios da filosofia de Sócrates e Platão, acima expostos, pode-se analisar a afirmação de que eles teriam sido precursores das idéias espíritas. Não nos deteremos em avaliar

uma possível ligação entre a sua filosofia e a cristã, uma vez que não consideramos a filosofia espírita oriunda da cristã.¹²

Focar-se-á a discussão em três aspectos que parecem ser fundamentais nesta discussão: a doutrina da existência da alma e sua sobrevivência à morte do corpo, a tese da reencarnação e a idéia de que o mundo real não é este em que vivemos, mas um outro, espiritual, que Platão chama de Mundo das Idéias. Inicialmente, serão apresentadas as principais argumentações sobre estes três aspectos, e depois, uma avaliação crítica sobre a semelhança entre estas e as idéias espíritas

1. A reencarnação e a teoria da reminiscência:

Parece fora de dúvida que Platão, mais ainda que Sócrates, era reencarnacionista. Ele lança mão desta idéia para satisfazer a um ideal de justiça e razão, para explicar e justificar a diversidade existente no mundo. As almas (*psychai*) diferenciam-se e individualizam-se durante o processo de reencarnações sucessivas:

“Portanto, é a ação da causa errante que vai produzir as desviações em que se diferenciarão as psychai, e essa ação somente se pode exercer no decorrer das reencarnações. É, portanto, no decurso de suas encarnações que as psychai se individualizam e se diferenciam, cada uma com o seu caráter individual.”¹³

Os principais textos de Platão que falam sobre a reencarnação são os diálogos Timeu, Fedro e a República. Nos dois primeiros, Platão explica suas concepções fundamentais a respeito da criação das almas e de sua individualização e desenvolvimento a partir das reencarnações. Na última, Platão lança mão de um mito, o mito de Er, para exemplificar suas idéias a respeito da reencarnação.

Neste mito, Er, um pastor da Pamfília, num sonho, vai ao Hades e vê as almas escolhendo suas próximas vidas. A escolha se faz pelo gênero de vida, por aquela característica que é preponderante. Mas traz consigo um conjunto de acontecimentos característicos do gênero de vida escolhido, que podem ser problemas ou não. A ênfase é na importância da escolha de uma vida sábia, prudente e simples.

Aparentemente, as idéias reencarnacionistas de Platão são oriundas dos pitagóricos e dos mistérios órficos, duas inegáveis e fortes influências.¹⁴

No orfismo, as idéias reencarnacionistas estão intimamente ligadas a toda uma mitologia religiosa. Para o mito dos órficos, o

“(...) sôma procede dos Titãs, carrega o elemento do mal e é perecedouro; porém a psychê procede de deus, tem o elemento divino do bem e é imperecedoura.”¹⁵

Pela doutrina órfica da metempsicose¹⁶, o elemento divino terá obrigatoriamente de reunir-se a seu antagonista titânico, isto é, a *psychê* (alma) volta a habitar sempre um novo corpo (*sôma*), terá que recomeçar nova existência sob sucessivas formas que podem ser até mesmo de animais. Portanto, a *psychê* não fica quites com suas culpas, regressa para reencarnar num novo *sôma*, até a purificação plena.

¹² Este estudo será realizado em outro trabalho.

¹³ PAULO, M.N. *Indagação sobre a imortalidade da alma em Platão*, p. 126.

¹⁴ Segundo PAULO, M.N. *opus citatus*, p. 101, “Platão nem sempre cita as fontes, quando se refere à antiga tradição; mas, sabemos tratar-se do orfismo e do pitagorismo”.

¹⁵ PAULO, M.N. *opus citatus*, p. 26

¹⁶ Aparentemente, há uma diferença conceitual entre reencarnação e metempsicose. A primeira, em grego *enzomatosis*, é a reassunção, pela alma, de um novo corpo humano; a segunda, do grego *metempsychosis*, é a transmigração da alma para um outro corpo, humano, animal ou mesmo vegetal.

O pitagorismo segue o mesmo caminho. Acredita no dualismo *psychê-sôma*, na crença na imortalidade da alma, na metempsicose, na punição no Hades (inferno) e na glorificação final da alma no Elísião (paraíso). Os principais meios para a purificação são o vegetarianismo, o ascetismo e a catarse mística através da música.

É a partir destas bases que Platão, pela boca de Sócrates no Fédon, lançará sua teoria da reencarnação. Mas o faz agregando a ela seu próprio método, a dialética. Assim é que sua argumentação em favor da reencarnação parte do princípio da geração das coisas a partir dos seus opostos:

“Quero dizer, numa palavra, que, levando em conta todas as coisas que nascem, devemos verificar se em cada caso é bem assim que nasce cada um dos seres, isto é, se os contrários não nascem senão de seus próprios contrários, em toda parte onde existe tal relação: entre o belo, por exemplo, e o feio, que é, penso, o seu contrário; entre o justo e o injusto; e assim em milhares de outros casos.”¹⁷

Segundo o mesmo raciocínio, tudo o que é morto provém do que é vivo, assim como o que está vivo vem do que está morto. Demonstra-se, assim, a tese da metempsicose. A da reminiscência (*anamnésis*) segue o mesmo raciocínio. Uma vez que a alma já viveu outras vidas, ela pode recordar-se das coisas que já viu. Mas Platão vai além, afirmando que a alma já viu de tudo, e todo aprendizado tem raízes na lembrança do que já foi visto:

“A alma é pois, imortal; renasceu repetidas vezes na existência e contemplou todas as coisas existentes tanto na Terra como no Hades e por isso não há nada que ela não conheça! Não é de espantar que ela seja capaz de evocar à memória a lembrança de objetos que viu anteriormente, e que se relacionam tanto com a virtude como com as outras coisas existentes. Toda a natureza, com efeito, é uma só, é um todo orgânico, e o espírito já viu todas as coisas; logo, nada impede que ao nos lembrarmos de uma coisa – o que nós, homens, chamamos de “saber – todas as outras coisas ocorram naturalmente à nossa consciência. A nós compete unicamente nos esforçarmos e procurar sempre, sem descanso. Pois sempre, toda investigação e ciência são apenas simples recordação.”¹⁸

Pode-se resumir estas crenças de Platão da seguinte forma:

A alma, preexistente a esta vida, está sujeita à transmigração, isto é, a volta ao mundo dos vivos, seja em corpos humanos, seja no de animais ou vegetais (por influência do orfismo e do pitagorismo). O objetivo destas múltiplas encarnações é a purificação da alma para que possa voltar ao Mundo das Idéias. Tendo existido mesmo antes de sua primeira encarnação, a alma já teria contemplado as realidades do Mundo das Idéias, e, portanto, já tem o conhecimento de tudo o que se pode conhecer. O aprendizado ou a descoberta científica é, assim, nada mais que a lembrança, a reminiscência daquilo que ela já conhecia.

2. A existência da alma e sua sobrevivência a morte do corpo:

A teoria da alma em Platão repete a separação sempre proposta entre os mundos sensível e inteligível. Esta separação, ao mesmo tempo metafísica (existência de duas realidades diferentes) e lógica (conhecimento dos objetos das duas realidades de formas diferentes) confere à alma platônica três sentidos principais:

Uma é a de princípio da vida, daquilo que anima os seres; neste sentido, todos os seres vivos (plantas, animais, homens e mesmo os astros ou seres celestes) são dotados de alma – o *Kosmos* é um ser vivo, animado pela alma do mundo. Esta alma localiza-se, no corpo, em dois lugares:

¹⁷ PLATÃO. *Fédon*, (70) p. 95.

¹⁸ PLATÃO, *Mênnon* (81a-81d), in BENOIT, H. *Sócrates, o nascimento da razão negativa*, p. 127.

no umbigo (refere-se à alma apetitiva, que busca os prazeres carnis e tudo o que é necessário para a conservação do corpo e a geração de outros corpos) e no coração (é a alma colérica, combativa, que se irrita com tudo o que ameaça o corpo e que causa dor). Esta alma é mortal, e desaparece com a morte do corpo.

Outra é a consciência, o princípio da vida intelectual. É o princípio cognoscente, da qual somente os homens são dotados e que é distinta do corpo físico.

Finalmente, a que é semelhante ao divino, a alma que sobrevive à morte do corpo, imortal e racional; está localizada na cabeça, e é a que conhece o Bem e as Idéias.

A concepção platônica da alma é também inicialmente originada dos antigos místicos gregos (os pitagóricos e os órficos), e tem um formato tripartite. Isto significa que ela compõe-se de três partes, concepção esta exposta do Fedro, a partir do Mito do Cocheiro: a alma como uma carruagem puxada por uma parrelha de cavalos alados. Há um cocheiro, que corresponde ao intelecto, a parte calculista da alma, chamada, em grego, *logistikón*; um dos cavalos, o belo e bom, representa os sentimentos (bons) da alma – o valor, *thymós*. Finalmente, o outro cavalo representa uma parte indomável, arisca, da alma – a paixão, *páthos*. O intelecto deve servir-se do valor para dominar os desejos e conduzir a alma em direção ao Mundo das Idéias, o mundo real, verdadeiro, através do atingimento do verdadeiro conhecimento.¹⁹

A alma pertence a ambos os mundos, ao sensível e ao inteligível. É intermediária entre a Idéia e o devir. É ela que realiza a ascensão dialética, o movimento do mundo sensível (devir) ao Mundo das Idéias, através de uma ciência que arrasta a alma do que é mutável para o que é essencial, da opinião (*doxa*) ao entendimento (*episteme*).

Em resumo:

“A idéia platônica da psychê representa uma ruptura com a concepção até então aceita, a partir de um desenvolvimento já iniciado pelos órficos e pitagóricos. Ao distinguir, no interior da psychê, a racionalidade, enquanto instância que lhe permite uma aproximação com o eterno, o imutável, as essências, as Idéias, esta é substancializada – e isso faz supor uma divisão no âmbito mesmo do ser, a separação das Idéias e da alma.”²⁰

3. O Mundo das Idéias:

A teoria das Idéias de Platão é, talvez, a maior das sínteses entre as duas teses opostas mais famosas dos pré-socráticos: a do incessante fluir heraclitiano e a da permanência, imutabilidade e identidade das essências dos eleatas, particularmente de Parmênides. É uma síntese lógica, porque se refere ao conhecimento verdadeiro, e ontológica, porque se refere à realidade dos seres, as Idéias. Está representada de maneira mais clara nos diálogos Timeu (a física) e Parmênides.

Segundo esta teoria, no princípio, havia somente o mundo inteligível (composto pelo Bem e pelas Idéias) e a matéria caótica, sem forma e sem ordem. O Bem cria então um artesão muito inteligente (um matemático), o Demiurgo, que ordenará o caos dando origem ao *Kosmos*, usando como modelos – ou paradigmas – as formas puras e eternas das Idéias.

O mundo é, assim, nada mais que uma cópia degradada (porque mutável e perecível) de um modelo inteligente perfeito (porque imutável e imperecível), o Mundo das Idéias. A ação do Demiurgo permite a Platão afirmar que as idéias são a causa das coisas sensíveis:

¹⁹ Esta não é, certamente, a classificação final de todas as propriedades da alma. Traz, porém, algumas vantagens, como a de identificar claramente os conflitos interiores dos homens.

²⁰ SARDI, S.A. *Diálogo e dialética em Platão*, p. 36.

“O sensível participa do inteligível por imitação, como cópia de um modelo. Assim, o sensível é conhecido por sensação (aísthesis), enquanto o inteligível é conhecido por inteligência (nósis).”²¹

Se o mundo perfeito é o Mundo das Idéias, então é a esse mundo que a alma, imortal, pertence por natureza. Porque, então, a alma encarna e reencarna no mundo sensível, porque fica sujeita ao devir?

A explicação platônica encontra-se no próprio Mito do Cocheiro. A alma, representada pela carruagem alada, segue o cortejo de Zeus em direção ao Mundo das Idéias, para contemplarem o verdadeiro saber. Mas, devido ao desequilíbrio causado pelo cavalo indomável, arisco, o Cocheiro não consegue dominar a parelha, que perde as asas e cai, então, até encontrar algo para segurar-se – o corpo, *sôma*. É então que ela encarna. Desta forma, explica-se não somente a encarnação, mas também a reminiscência: a alma lembra-se das Idéias, porque já as contemplou, quando seguia o cortejo do deus:

“De onde vem ser denominado mortal e imortal, o que tem vida. Sempre é a psychê toda que dirige o que não tem psychê, e, percorrendo a totalidade do universo, assume formas diferentes. Quando é perfeita e alada, caminha nas alturas e governa todo o universo. Vindo a perder as asas, é arrastada até bater nalguma coisa sólida, onde fixa a morada e se apossa de um sôma de terra, que pareça mover-se por si mesmo, em virtude da força própria de psychê. Essa composição tem o nome de animal, a psychê e o soma ajustados entre si, e é designada como mortal.”²²

O corpo é, para a alma, o castigo de sua própria incompetência, representa todo o mal que pode lhe acontecer, e a morte deste significa, para aquela, a abertura para a verdadeira vida (esta é a explicação para a afirmativa de Sócrates no início do *Fédon*, de que o verdadeiro filósofo é aquele que se prepara para a morte):

“Assim, a união da psychê com o sôma apresenta-se como o castigo de um pecado e como meio de expiação. Está unida ao sôma acidentalmente, porque não conseguiu seguir os deuses e contemplar as essências.”²³

4. Platão e Espiritismo: análise crítica:

Uma comparação crítica entre as principais idéias até aqui expostas com aquelas do espiritismo mostra algumas diferenças fundamentais:

- a) A idéia da imortalidade da alma em Platão é a corroboração de sua tese central, a do Mundo das Idéias. Apesar de oriunda da tradição dos antigos místicos gregos, os órficos e os pitagóricos, a alma platônica é uma intermediária entre o Mundo das Idéias e o mundo sensível. Sua imortalidade provém daquele mundo, uma vez que, pertencendo a ele, deve ser, como ele, perene. Mais que uma realidade, esta alma é um conceito, a solução do mais antigo problema da filosofia, a oposição entre a eternidade do Ser e a realidade do devir.

O objetivo da encarnação da alma é sua purificação. Deve ela domar a tendência aos prazeres percíveis do corpo e, libertando-se, poder voltar ao Mundo das Idéias:

“Quando encarnada em um corpo mortal, a alma deverá por um processo de aprendizagem, purificar-se e voltar a contemplar as realidades eternas em companhia dos deuses.”²⁴

²¹ CHAUI, M. *Introdução à história da filosofia – dos pré-socráticos a Aristóteles, vol. I*, p. 201.

²² PLATÃO, Fedro, in PAULO, M.N. *opus citatus*, p.46.

²³ PAULO, M.N. *opus citatus*, p. 59.

²⁴ PAULO, M.N. *opus citatus*, p. 125.

Também no espiritismo a idéia da imortalidade é central. Mas, diferentemente da alma de Platão, a idéia de alma na doutrina espírita foi obtida da experiência, do fenômeno mediúnico – é uma conseqüência empírica direta. É parte de um só todo, de uma única realidade, o Universo. Seu caminho é ascendente, não para purificar-se (no sentido órfico, místico), mas para, aprendendo, incessantemente evoluir. Tal evolução é infinita, e, portanto, a alma nunca cessa de aprender e crescer.

- b) Platão postula a reencarnação como conseqüência lógica de seu principal método filosófico, a dialética: sua argumentação é que, como tudo nasce do seu contrário, numa sucessão incessante, a morte vem da vida e esta, daquela. O ciclo encarnação-morte-reencarnação. Entretanto, na esta tese também vem na esteira na tradição órfico-pitagórica, em que a reencarnação é entendida como *metempsychosis*, a transmigração da alma para corpos humanos, animais ou mesmo vegetais. Isto porque o principal objetivo das reencarnações é purificar a alma para que ela possa sair do ciclo do devir e contemplar o Mundo das Idéias.

Já para o espiritismo, a reencarnação é um processo tipicamente educacional; é o método evolutivo do espírito por excelência, que, de um início simples e ignorante, atinge, no contato íntimo e constante com a matéria, o conhecimento da realidade das coisas. O ponto de vista espírita sobre a reencarnação é altamente positivo, um processo não só natural como desejável, e que deve ser aproveitado ao máximo.

- c) Na teoria de Platão, a alma é criada para permanecer contemplando as idéias, junto ao Demiurgo. Encarna-se num corpo perecível por castigo, por não conseguir acompanhar os deuses. É a idéia da queda, repetida posteriormente no mito de Lúcifer.

A filosofia espírita não admite a queda. A alma, o espírito, criado simples e ignorante, evolui sem cessar, num movimento ascendente mais ou menos intenso, mais ou menos rápido, mas de modo algum retrocessivo.

- d) O Mundo das Idéias platônico é, o mundo primitivo, originário, modelo que o Demiurgo se utilizou para moldar o mundo físico. Perfeito, imutável e imperecível, é a morada original das almas, que lembram dele e anseiam por voltar a ele.

Muito diferente deste mundo ideal, o mundo dos espíritos é, para a doutrina espírita, uma outra face de uma mesma realidade universal. Em conjunto com o mundo físico, é a base a partir da qual se realiza a evolução infinita do espírito.

- e) Finalmente, o mito da reminiscência na teoria de Platão é a amarração final entre a teoria da alma e a das Idéias. Tendo contemplado o Mundo das Idéias, do qual é originária, a alma lembra-se, ainda que vagamente, deste mundo ideal. É esta lembrança que a move na sua jornada purificadora.

Toda a pedagogia platônica é baseada no mito da reminiscência. Para ele, não se pode ensinar nada a ninguém, apenas auxiliar na lembrança das coisas já vistas no Mundo das Idéias.²⁵

O espiritismo, ao contrário, tem uma visão estritamente empiricista da aquisição de conhecimentos pelo espírito. O aprendizado só se faz a partir da vivência dos conceitos apreendidos a partir das realidades do Universo. Eis porque o conhecimento, cumulativo, é sempre crescente; eis porque é possível aprender coisas novas.

Estas diferenças, observáveis a partir das filosofias platônica e espírita, são diferenças de base. Significam que, ainda que haja uma analogia de idéias entre estas duas filosofias, elas não são oriundas uma da outra. Numa palavra, não há uma relação causal entre Platão e o espiritismo.

²⁵ Um aprofundamento destes conceitos pode ser feito a partir do diálogo *Mênon*.

Conclusão: platônico ou aristotélico?

Não é propósito deste texto discutir a motivação original de Kardec em citar Sócrates e Platão como precursores das idéias espíritas. Parece claro que as idéias esposadas por Jesus, conforme apresentadas nos textos bíblicos, não eram inteiramente originais. O objetivo aqui é analisar se as teses socrático-platônicas podem ser consideradas, em amplo espectro, fundamentalmente semelhantes àquelas que embasam a filosofia espírita.

Esta discussão, academicamente considerada, pode alinhar o espiritismo a uma das grandes linhas de pensamento que, desde a antigüidade clássica, dividem as formas de pensar: o idealismo, do qual Sócrates e Platão podem ser considerados os precursores, e o empirismo-realismo, sistematizado a partir das idéias de Aristóteles. Mas a discussão não é meramente acadêmica. É sobremaneira importante considerar que o espiritismo não é uma filosofia isolada, criada a partir de uma verdade extrínseca, ainda que trazida por espíritos superiores, mas inteiramente imersa num dado contexto histórico, e que tem, portanto, vertentes teóricas anteriores. Os espíritas precisam conhecer de que vertentes filosóficas provem a idéia espírita.

A conclusão que se pode tirar da argumentação exposta neste texto é que, filosoficamente, Sócrates e Platão não podem ser considerados como precursores do espiritismo, ainda que se deva observar alguns pontos de vista em comum entre este e aqueles. Sem dúvida, Sócrates e Platão aceitavam a idéia de uma alma distinta do corpo, acreditavam em sua imortalidade e reencarnação. Aceitavam também a existência de um mundo outro que não o físico.

Entretanto, as razões pelas quais eles aceitavam estas idéias diferiam seriamente das razões pelas quais o espiritismo postula as mesmas idéias. Baseados no contexto de sua época, Sócrates e, principalmente, Platão buscavam a solução de questões filosóficas fundamentais propostas pelos seus antecessores, notadamente Heráclito e Parmênides. Além disso, suas idéias têm fortes raízes na tradição mística da Grécia, o orfismo e o pitagorismo.

As idéias de Kardec nascem inteiramente da empiria. Uma vez defrontado com o fenômeno mediúnico, ele, a partir da informação experimental da existência dos espíritos, funda uma filosofia que busca ser universal, mas que responda aos questionamentos imediatos de sua própria época. Essa filosofia não se desvincula do contexto histórico em que aparece, sendo, assim, fortemente influenciada pelo positivismo e pela filosofia cartesiana.

Uma abordagem alternativa à proposição original de Kardec n' O Evangelho é a que coloca o espiritismo como herdeiro direto da filosofia de Aristóteles. Algumas das idéias deste pensador, considerado por muitos o filósofo mais completo da história, são muito próximas dos principais conceitos da filosofia espírita: as relações causais, o aprendizado a partir da aquisição empírica de conhecimentos (o homem é uma tabula rasa, uma folha de papel em branco na qual vão sendo escritos os conhecimentos experimentalmente obtidos), a ética baseada na felicidade e na eliminação dos excessos, entre outras, são pontos de contato interessantes entre as doutrinas espírita e aristotélica.

O que não se pode esquecer é que o espiritismo é uma filosofia própria, contextualizada, que tem ligações com outros sistemas filosóficos e soluções originais aos problemas de que pretende tratar. Não sendo isolada, nem aspirando a verdade única e absoluta, tem plena condição de ocupar um lugar destacado na história da filosofia.

Bibliografia

1. ABBAGNANO, N. *Storia della filosofia. Volume primo: la filosofia antica (dalle origine al neoplatonismo)*. 1ª ed. Milão: TEA, 1995. 284 p.
2. BENOIT, H. *Sócrates, o nascimento da razão negativa*. Coleção Logos. 1ª ed. São Paulo: Moderna, 1996. 159 p.
3. CHAUI, M. *Introdução à história da filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles, volume I*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. 390 p.
4. JAEGER, W. *Paidéia: a formação do homem grego*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994. 1413 p.
5. KARDEC, A. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. 91ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1985. 456 p.
6. PAULO, M.N. *Indagação sobre a imortalidade da alma em Platão*. 1ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996. 138 p.
7. PLATÃO. *A república*. 1ª ed. São Paulo: Círculo do Livro, 1997. 352 p.
8. PLATÃO. *Diálogos – Fédon, Sofista, Político*. [s.e.]. São Paulo: Ediouro, [s.d.]. 351 p.
9. PLATÃO. *Timeu e Crítias, ou A Atlântida*. [s.e.]. São Paulo: Hemus, [s.d.]. 215 p.
10. SARDI, S.A. *Diálogo e dialética em Platão*. 1ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995. 115 p.
11. WATANABE, L.A. *Platão por mitos e hipóteses*. Coleção Logos. 2ª ed. São Paulo: Moderna, 1995. 174 p.